

# Domínio Rococó

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

ROMA, Setembro (Pela Panair do Brasil) — Os esforços dos que procuram isolar do curso da história alguma fase particular — à do Renascimento, por exemplo, ou a do Barroco, — a fim de melhor apreciá-la em seus motivos e suas características individuais, tem encontrado objeções muitas vezes ponderáveis. Não seriam eles apenas uma nova modalidade do velho erro de se dividir a história humana em seções independentes entre si, armadas, uma contra outra, atrás de inexpugnáveis fronteiras ou imobilizadas para sempre como as estátuas de um museu?

E' inevitável, no entanto, quando se trate de abraçar uma daquelas fases, destacá-la provisoriamente do processo histórico onde se inserem, moderar-lhe o ritmo, se não imobilizá-la, tentar discernir, onde possível seus verdadeiros limites, em favor dessa espécie de visão unitária requerida pelo mister de historiador. Há em tudo isso, sem dúvida, um artifício, mas, artifício prestimoso e que apresenta suas vantagens reais, desde que seja tido simplesmente como tal. Para melhor apreender a continuidade histórica é forçoso introduzir uma pausa momentânea ou um *adágio* no curso dos acontecimentos, sem o que mal se poderá perceber como nelas se entrelaçam os pensamentos e as obras dos homens. O artifício assemelha-se, no fundo, ao do observador ou julgador de uma contenda esportiva que recorre, para maior segurança do juízo, à câmara lenta. A ilusão de numerosos historiadores, diferentes daquele julgador ou observador, está em que se deixam ao cabo enleiar pela limpidez da imagem assim obtida, pela nitidez dos seus contornos, e se esquecem, não raro, do artifício que as tornou possíveis.

De muitos trabalhos recentes sobre o barroco — a literatura, a política, a civilização barrocas — não se pode dizer que tenham evitado constantemente uma tal ilusão. E' bem possível que a simples sugestão de uma cômoda etiqueta extraída da história da arte, em particular da história da arquitetura, ajudasse insensivelmente reduzir o "período" assim batizado a uma unidade coerente, compacta, inconfundível, sempre igual a si mesma, capaz de suportar confronto, por esses aspectos, com a imagem tanto tempo admitida como fiel, da época imediatamente anterior, ou seja do Renascimento.

O exemplo de tais enganos suficientemente instrutivo para nos advertir contra a acquiescência tranqüila e sem reservas a um conceito não menos servil e empolgante, que historiadores e críticos, alemães em sua generalidade, como Ermantinger e principalmente Herbert Cisarz, tomaram, como no caso do Barroco, à história da arquitetura para aplicá-la a todo um período histórico. Fora da arquitetura o Rococó deveria envolver manifestações tão dispares na aparência como o são a pintura de Watteau e de Tiepolo, o estilo Luís XV, o frívolo arcadismo, as músicas de Jomelli, Gluck, Cimarosa, Mozart, o melodrama, as comédias de Marivaux e de Goldoni, a Enciclopédia, a franco-maçonaria, o anti-mecanicismo de Berkeley, o mecanicismo de Condillac, o experimentalismo de Hume e dos herdeiros de Locke, as tendências econômicas e sociais que irão redundar na chamada revolução industrial da Inglaterra e as tendências sociais, econômicas e ideológicas que desembocarão na Revolução Americana e na Revolução Francesa.

Formas de pragmática e etiqueta, moveis e utensílios caseiros, preferência dada a determinados materiais sobre outros (a seda, o vidro, a porcelana, a madriperola, a madeira, nos países do norte, substituindo largamente a pedra), estilos de ornamentação e de jardinagem, movimentos religiosos (o metodismo, o pietismo) charlatanismo místico (Cagliostro), denação de classes, de idéias de valores, inspirada em parte pela crescente afirmação da burguezia, coexis-

tência de atitudes e princípios contrastantes, do aulicismo com a revolta, da sentimentalidade lacrimosa com o epicurismo cético, do sensualismo com o racionalismo, da mitologia pagã e da *chinoiserie*, tudo isso deveria congrega-se e irmanar-se sob o mesmo rótulo. Que surte de raciocínio não seriam necessárias para se forjar um comum denominador ou entre elementos tão adversos uns aos outros?

Todavia, não precisa uma extrema atenção para verificar-se como entre essas formas distintas e opostas existem certas zonas de contato e mesmo laços secretos que justifiquem e até pareçam reclamar um tratamento comum. Quando elas não se explicam pelo prentesco, podem explicar-se, não raro, pela própria contrariedade. E será talvez proveitoso, para melhor entendê-las, tentar considerar essas formas discordantes em uma só e mesma perspectiva, capaz de unificá-las e momentaneamente avariguá-las, contanto que, logo em seguida, possam reaver sua liberdade e que o artifício provisório não se converta para o historiador numa fatal armadilha.

O interesse de semelhante investigação seria tanto mais considerável para os brasileiros quando no Setecentos, ainda mais do que no Seiscentos — que a anual moda do Barroco tendeu a valorizar em excesso — parecem situar-se as legítimas nascentes de diversas manifestações que, particularmente na esfera intelectual e sobretudo na literatura, se ostentam aos dias de hoje.

A rebelião contra a linguagem alambicada e retorcida da era barroca foi no Brasil, como no Portugal de Setecentos, mais do que uma questão de moda literária, uma espécie de imposição patriótica. Que o gosto lusitano se conformasse mal com as excentricidades do chamado estilo cético, e que a Idade de Ouro das letras e artes castelhanas tenha correspondido entre portugueses, significativamente, a uma fase de declínio em muitos pontos, ou de esclerose da criação literária o que se poderia mostrar sem grande dificuldade. No entanto não convem insistir demasia. do nas supostas idiosincrasias nacionais como fundamento exclusivista de contraste com esse. E' certo que Vieira, tão brasileiro quanto português, chegara a exclamar certa vez, em pleno Seiscentos, que o "estilo culto não escuro, negro boçal e muito cerrado", posto aus em seus mesmos escritos se possa bem discernir o vinco do culteranismo e principalmente o do "conceptismo". E dessa rebeldia, em verdade epidérmica e na

fundamental, encontramos amostras tanto ou mais eloquentes na própria Espanha barroca.

De qualquer forma, a convicção, justa ou ilusória, de que a revolta contra as excentricidades gongóricas e a volta ao natural, ao natural fingido, embora, dos jardins à inglesa dos heróis de puruca e tricornio, dos falsos pastores da Arcadia redivida, significava realmente apreciável novidade, serviu para colorir de vivas cores e dar calor próprio às manifestações lusitanas do setecentismo, confundindo-as com as expressões mais genuínas da alma popular.

Faça-lhe a culterana

Mui bom proveito à lingua castelhana,

Que a frase portuguesa, por sezi-da,

Por prezada e por grave não se muda.

Assim se pode ler na Fenix Renascida, impressa entre 1716 e 1728 e que, apesar de inspirada em parte nos novos modelos, ainda se acha grandemente impregnada de espanholismo. E ainda ao final do século XVIII, um brasileiro, Manuel Inácio da Silva Alvarenga repisará os mesmos motivos em sua epístola poética a Basílio da Gama, exclamando em "alexandrinos castelhanos":

Tu sabes evitar, se um tronco ou jaspe animas,

Do sombrio espanhol os góticos enigmas.

Que inda entre nós abortam alentos dissolutos,

Verdes indignações escândalos corutos.

De qualquer modo é lícito dizer que no Brasil, como em Portugal, o despojamento das complicações seiscentistas corre paralelamente com o declinar da influência espanhola nas letras e o enaltecimento sobretudo dos autores italianos e, afinal, também dos franceses. O bom êxito singular que logo alcançou entre os portugueses dos dois mundos uma instituição tipicamente italiana como a Arcadia explicável, ao menos em parte, por essas circunstâncias. Os arcades tinham surgido para combater o "mau gosto" nas letras, e mau gosto, para os portugueses da época era sinônimo de gosto espanhol, enquanto não se confundia com os "enigmas góticos" de Silva Alvarenga. As cicatrizes das guerras recentes e ainda mais a lembrança da humilhação nacional, sob o domínio da Casa de Austria, servia para dar um poderoso conteúdo emotivo a essa tentativa de renovação nas letras —

Para remessa de livros: Rua San Marino, 12, int. 2 (Roma)

Diário Carioca

06-09-53

Obs: A data correta é 05-09-53.